

CAPÍTULO 10

A Expressão Plástica e a Relação com a Natureza – Dinâmicas em Contexto de Creche

Laura Cristina Freire Santos

Instituto Politécnico de Coimbra, ESEC
lcfsantos@esec.pt

Bartolomeu Paiva

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra
bpaiva@esec.pt

Sílvia Maria Espada

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra
silviaespada@esec.pt

Patrícia Silva

Centro de Bem-Estar Social da Sagrada Família
p__tixa@hotmail.com

Introdução

A criança é um ser curioso por natureza, gosta e necessita de explorar, tocar, sentir, experienciar novas e diferentes situações. O papel das artes é, assim, importante para o desenvolvimento da criança, pois oferece-lhe a oportunidade de explorar, vivenciar, experimentar, através da pintura, do desenho, da moldagem, das construções e da utilização de novos materiais, na linha do que defende Sousa (2003), quando refere que mais importante do que «aprender», «conhecer» e «saber», é vivenciar, descobrir, criar e sentir.

Read (s.d.) também refere que a arte desempenha um papel fundamental na educação, sob todas as suas formas expressivas, para uma adequada formação da personalidade, sustentando que esta só se desenvolve equilibradamente num processo de individualização e integração, ou seja, de reconciliação da sua singularidade com a envolvente social.

Quando a criança pinta, desenha, modela ou constrói regularmente, a sua evolução processa-se de forma mais consistente em diferentes níveis, ao mesmo tempo que a criação artística acentua a individualidade, provoca a libertação de tensões e energias, instaura uma disciplina formativa, interna, de pensamento e de ação que favorece a manutenção do equilíbrio tão necessário para que a aprendizagem se processe sem entraves, e a integração social aconteça sem dificuldades (Bessa, s.d.). O objetivo não é criar ou formar artistas, mas educar as crianças, considerando a arte o meio para o desenvolvimento integral da mesma a nível afetivo, cognitivo, social e motor.

Pode considerar-se como um modelo educacional que aponta como primeiro objetivo a educação afetivo-emocional, propondo como técnica educativa, para tal propósito, a expressão artística, indutora de sentimentos, afetos, emoções, pela arte e através da arte (Sousa, 2003).

Para além das artes, também a relação com o ambiente e a importância que este tem para o desenvolvimento saudável das crianças, detém um papel relevante na formação das mesmas. Contudo, as saídas para os espaços exteriores das instituições são, por vezes, pouco promovidas devido aos receios dos educadores em relação à segurança e ao perigo que podem representar para as crianças. Tal como refere Zanon (2018), na mesma medida em que aumentaram as informações sobre o aquecimento global e o desmatamento, diminuíram as possibilidades de vivências íntimas com o ambiente natural.

Porém, as oportunidades que o exterior proporciona em termos de desenvolvimento e aprendizagens são extremamente importantes para o crescimento saudável das crianças. O que será de um planeta cujas infância e juventude crescem distantes da natureza, sem a possibilidade de desenvolver sentimentos claros de empatia e compreensão existencial, do que são os processos de nascimento, crescimento e morte dos frutos da Terra? (Barros, 2018).

Neste sentido, foi desenvolvido o Projeto Floresta Colorida, que relaciona as artes plásticas e a natureza, proporcionando aprendizagens diversas no que diz respeito à exploração da Natureza e dos elementos naturais, à exploração das artes e experimentações artísticas, para que a criança se possa expressar livremente, utilizando a pintura e a composição gráfica baseadas em elementos da Natureza.

Este projeto foi desenhado para crianças de dois anos de idade e foi implementado numa IPSS, mais precisamente no Centro de Bem-Estar Social da Sagrada Família, localizado no bairro da Conchada em Coimbra, no âmbito do Estágio em Creche, do Mestrado de Educação Pré-Escolar. Concluindo, é importante referir que o tema deste projeto se deve particularmente ao meu gosto pessoal pelas artes, nomeadamente a expressão plástica, mas também para ir ao encontro dos objetivos da educadora cooperante.

Fundamentação Teórica

Mário Dionísio (citado por Sousa, 2003) refere que a arte é um tipo de linguagem com que o homem indaga e exprime realidades profundas de si, mesmo impossíveis de captar de outra forma, ou seja, a arte é a expressão de emoções, considerada como uma linguagem e como comunicação. Uma linguagem de emoções, que pretende comunicar algo impossível de ser expresso por palavras e pensamentos.

Segundo Alberto Sousa (2003), a arte e a educação andam extremamente ligadas quanto aos seus propósitos e quanto às suas metodologias. Citando Platão, a arte deverá ser a base de toda a educação. Também, Read (s.d) refere que na educação integral, a arte desempenha um papel primordial no processo, sob todas as suas formas expressivas, para uma adequada formação da personalidade (citado por Sousa, 2003).

Alberto Sousa (2003) considera a Educação pela arte a única metodologia que abrange todas as dimensões da personalidade, nomeadamente o desenvolvimento afetivo emocional, que é, uma das dimensões mais esquecida por outras perspetivas metodológicas e refere ainda

que, este, é o modelo metodológico educacional que pretende colocar a arte ao serviço das crianças, utilizando-a como meio de promover a educação, não tendo como propósito o ensino das artes. Nesta metodologia não interessa a obra de arte em si, mas a sua capacidade em possibilitar à criança a expressão das suas emoções e a evolução da sua beleza espiritual. Defendendo que a arte é uma linguagem eminentemente simbólica e sentimental, proporcionando um vasto leque de vivências emocionais, que contribuem não só para o desenvolvimento afetivo-emocional e intelectual da criança, como permitem ainda colocar em ação toda uma série de mecanismos psicológicos de defesa (catarse, compensação, deslocação, ab-reação, sublimação, etc.) que robustecem a criança na sua luta contra frustrações e conflitos. Esta metodologia proporciona à criança um clima em que se pode expressar livremente, aceitando as manifestações emocionais de vária ordem, canalizando-as ou sublimando-as em tarefas que a possam compensar das dificuldades com que necessariamente se têm que defrontar na sua vida.

A Educação pela arte tem como principal objetivo a expressão dos afetos da criança e denomina as suas áreas de intervenção por expressões (Expressão dramática, Expressão plástica, Expressão musical, Expressão dançada, etc.), utilizando as artes como métodos educacionais tendo o seu âmbito e o seu fim a educação. (Sousa, 2003)

Por sua vez, o termo expressão designa expulsar, exteriorizar sensações, sentimentos, um conjunto de fatos emotivos (Gonçalves, 1991), mais especificamente, o termo expressão plástica foi adotado pela Educação pela arte, para designar o modo de expressão-criação através do manuseamento e modificação de materiais plásticos, como o barro, o gesso, a pedra, a madeira, os metais, o plástico, etc. (Sousa, 2003, p. 159). Uma atitude pedagógica, que não centrada na produção de obras de arte, mas na criança, no desenvolvimento das suas capacidades e na satisfação das suas necessidades, sendo considerada uma atividade natural, livre e espontânea da mesma, que desde muito pequena gosta de mexer em água, areia, barro, tintas, riscar papel com lápis, etc. (Sousa, 2003, p. 160). Ou seja, pretende-se com isto a satisfação das necessidades de expressão e criação da criança, que pinta, desenha, modela, pelo prazer que a ação transmite e não pela intenção de produzir algo que seja arte, uma vez que, o interesse pedagógico centra-se na criatividade, sendo a ação de criar apenas uma forma de desenvolver esta capacidade (Sousa, 2003, p. 169).

Torna-se necessário ainda, salientar que, todos os indivíduos são potencialmente criativos e que, estimular a criatividade é provar à criança que se confia nela, nas suas possibilidades de realização (Sousa, 2003). Stern (1970, citado por Sousa, 2003) salienta a importância da

criatividade na criação da identidade pessoal, ao afirmar que um ser criativo é um ser equilibrado, o contrário de um indivíduo agressivo e desesperado.

A educação com base na expressão, na criação e na arte trazem inúmeros benefícios para a criança, torna-a mais segura de si, mais autoconfiante, mais forte, mais resistente a situações adversas, mais capaz de vencer os obstáculos que a sociedade diariamente lhe apresenta (Sousa, 2003).

Com base no que foi referido, podemos concluir que o domínio das expressões, nomeadamente a expressão plástica, contribui para o desenvolvimento positivo e equilibrado da criança, uma vez que é através dela que as crianças desenvolvem aspetos da construção das suas identidade e personalidade, que mais tarde é essencial para resolver conflitos e problemas decorrentes da sua vida quotidiana.

Por sua vez, a arte ligada à natureza, representa diversas oportunidades de aprendizagem, exploração e criação. Desde as explorações sensorio motoras, os bebés e as crianças acumulam um conjunto considerável de experiência direta (Post & Hohmann, 2003). Por exemplo, as crianças tocam nas folhas, começam a perceber a sua textura, o seu cheiro, e começam a processar a imagem mental da mesma. Este processo de início da internalização, ou visualização mental de qualquer coisa, constitui a primeira experiência da criança com aquilo a que se chama representação (Post & Hohmann, 2003).

A zona exterior é um prolongamento importante do ambiente interior de exploração e do lúdico. Lá fora os bebés ouvem, cheiram, sentem ou veem árvores, nuvens, vento, temperaturas quentes ou frias e alterações de luminosidade. As crianças pequenas podem correr, atirar, espernear, trepar, baloiçar e cavar; encontram plantas, animais e insetos para examinarem minuciosamente (Post & Hohmann, 2003).

Posto isto, é necessário afastarmo-nos da ideia de que a sala é o único local promotor de verdadeiras aprendizagens e compreender que, outros locais, como o espaço exterior, são igualmente importantes, uma vez que, são locais que estimulam a criança a ser curiosa, ativa e criativa. Tal como refere Mendonça (2015), quando afirma que é importante trabalhar com as crianças fora da sala de aula. Levá-los para aprendizagens ao ar livre é resgatar os aspetos essenciais da inteligência humana e colocá-los à disposição da evolução da vida. Ao mesmo tempo, proporciona a professores, educadores e pais, momentos prazerosos de intenso estímulo sensorial, quando todos participam como seres integrais com o que têm de melhor.

Nessas situações, professores, alunos e pais tornam-se aprendizes e podem melhorar e aprofundar as suas relações pessoais.

Pais, educadores e restante comunidade educativa devem compreender que os elementos do mundo natural não significam doença, perigo, mas constituem-se como lugares da liberdade, da criatividade, da autonomia, da solidariedade. A proximidade da terra, da água, da areia não é uma concessão, mas condição para a existência saudável. Se brincar na natureza é um direito humano porque corresponde à necessidade de integridade do ser, esse direito materializar-se-ia como acesso ao universo que está para além das paredes e dos muros escolares (Barros, 2018) - tornando-se assim um local promotor de aprendizagens significativas e de interações sociais que são extremamente importantes para o desenvolvimento infantil.

O contacto direto com a natureza, traz inúmeros benefícios para a criança, especialmente por meio do brincar livre, ajuda a fomentar a criatividade, a iniciativa, a autoconfiança, a capacidade de escolha, de tomar decisões e de resolver problemas, o que por sua vez contribui para o desenvolvimento integral da criança. Isso sem falar nos benefícios mais ligados aos campos da ética e da sensibilidade, como encantamento, empatia, humildade e senso de pertencimento (Barros, 2018). E ainda, estimula o ser integral, com o corpo, sentidos, sentimentos em equilíbrio com o plano mental (Mendonça, 2015), contribuindo para o desenvolvimento físico, mental e emocional, traduzindo-se na proteção de todo o tipo de vida e na ampliação da qualidade de vida. A natureza inspira-nos a experimentar uma forma potente de relação com o próximo, e a participar de forma mais ativa de processos de transformação para construirmos coletivamente o mundo que queremos (Zanon, 2018).

Ambientes exteriores, ricos em elementos naturais, como pátios, recreios, jardins e matas, não só ajudam na promoção de saúde física e mental, como também no desenvolvimento de habilidades cognitivas, sociais, motoras e emocionais (Barros, 2018). Assim, tal como refere Cardoso & Heitor (1972), é necessário que o educador permita à criança agir e explorar de forma livre, estimulando-a e auxiliando-a sempre que necessário.

Desenvolvimento Prático

O projeto Floresta Colorida prevê a construção de dois painéis, elaborados a partir de elementos da natureza, que serão usados pela criança de forma livre e espontânea, para que

a mesma se possa expressar através da arte plástica e estabelecer uma relação de proximidade com a natureza.

Este projeto desenvolveu-se em três fases: a primeira fase consistiu numa saída exterior, para as crianças poderem brincar e explorar o espaço da instituição e poderem recolher alguns elementos naturais para a exploração dos mesmos; a segunda fase consistiu na exploração da pintura através de elementos naturais e posterior colagem dos mesmos na folha, dando origem a uma composição gráfica individual; a terceira fase, consistiu na exploração da pintura e colagem de elementos naturais, porém de forma coletiva e num suporte maior, em papel de cenário.

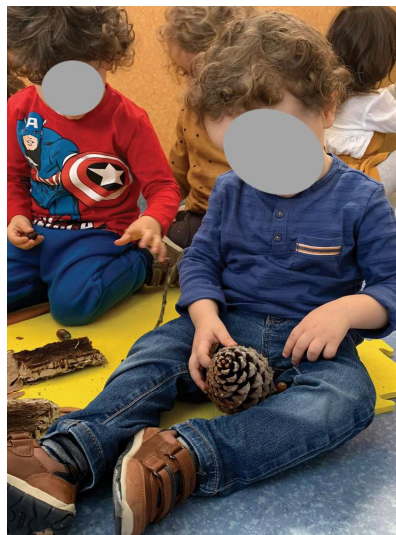
Primeira Fase – Contacto direto com a Natureza	
<p>Descrição: Na primeira Fase, prevê-se que o educador planeie um passeio exterior à Creche, que permita à criança ver, sentir, tocar e cheirar o mundo à sua volta. Permite que a criança explore os elementos naturais que vai encontrando ao longo do percurso, e por isso, é necessário que seja dado tempo e espaço à criança, para que esta se sinta livre e confiante para uma exploração que pode potenciar inúmeras aprendizagens. De seguida, as crianças recolhem alguns elementos naturais, para serem posteriormente explorados.</p>	<p>Materiais: 1 Cesto para recolha dos elementos naturais.</p>
<p>Objetivos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Desenvolver o contacto com a natureza; 2. Explorar, observar, tocar, cheirar o que a rodeia; 3. Recolher elementos naturais variados; 	

Registos Fotográficos da atividade – Contacto direto com a Natureza

a) Experiência no Exterior



b) Exploração dos elementos naturais



Segunda Fase – Exploração da Pintura e Colagem com elementos da Natureza (Individual)	
<p>Descrição:</p> <p>Numa segunda fase, as crianças pintam individualmente e livremente uma folha A3. Os pincéis são substituídos por elementos da natureza. Nomeadamente, pincéis de giestas e ramos de pinheiro, rolos de cascas de bolotas, carimbos de nozes e cascas de bolotas. As cores usadas são escolhidas por cada criança. Depois de secas as pinturas, as crianças escolhem alguns elementos naturais que exploraram anteriormente e colam livremente na folha, construindo uma composição gráfica.</p>	<p>Materiais:</p> <p>16 Folhas Brancas A3 (de aguarela); Tintas de várias cores; Elementos Naturais (folhas, paus, bolotas, pinhas, castanhas, casca de pinheiro...); Cola Branca.</p>
<p>Objetivos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas; 2. Explorar e utilizar diferentes instrumentos de produção artística. 	

Registos Fotográficos da Atividade – Exploração da Pintura e Colagem com Elementos da Natureza (Individual)

a) Exploração da Pintura



b) Exploração da Colagem

Terceira Fase – Exploração da Pintura e Colagem com Elementos Naturais (Grupo)

Descrição:

Numa última Fase, as crianças pintam em grande grupo o papel de cenário, com cores escolhidas por elas, criando um painel coletivo.

Novamente os pincéis são substituídos por elementos da natureza, nomeadamente, ramos de giestas, mas desta vez, de maiores dimensões.

Depois de seco o papel de cenário, as crianças, novamente em grande grupo, selecionam elementos da natureza para colarem no papel de cenário, construindo uma composição gráfica coletiva de grandes dimensões.

Materiais:

Papel de cenário;
Tintas de várias cores;
Elementos Naturais (Casca de pinheiro, folhas, nozes, castanhas, bolotas, paus, bolotas...);
Cola Branca.

Objetivos:

1. Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas;
2. Explorar e utilizar diferentes instrumentos de produção artística;
3. Desenvolver trabalho de equipa e cooperação;

Registos Fotográficos da Atividade – Exploração da Pintura e Colagem com Elementos da Natureza (Grupo)

a) Exploração da Pintura



b) Exploração da Colagem



Considerações Finais

Este projeto pretendeu estabelecer uma relação entre a Arte e a Natureza, ao criar oportunidades de exploração e aprendizagem focadas nas duas vertentes, e permitir que as crianças se expressassem livremente.

Neste projeto, é de referir que o papel do educador foi muito importante e deverá ser sempre o de auxiliar, guiar, inspirar e não o de ensinar ou treinar. É importante, que o educador siga as três normas de não diretividade que refere Santos (1997, citado por Sousa 2003, p. 130): nunca impor a uma criança uma atividade artística; dar somente conselhos técnicos necessários; abster-se de qualquer apropriação ou crítica artística. Ou seja, o educador deve proporcionar à criança total liberdade, para que ela possa exprimir-se, exteriorizando emoções e sentimentos, ser natural, espontânea e criativa.

Também é de salientar que foi essencial que a criança se pudesse expressar, numa primeira fase individualmente, mas também, numa segunda fase coletivamente, o que lhe permite criar hábitos de cooperação e colaboração num âmbito de uma criação geral. Para isso, considero importante que, o educador sempre que possível, deve interessar a criança por

este tipo de trabalho, que terá forte influência na formação do seu caráter (Cardoso & Heitor, 1972).

No que diz respeito ao projeto no global, foi importante o tempo e espaço dados à criança nas suas explorações e na execução das atividades propostas, nomeadamente na primeira fase para a exploração do ambiente em que se encontravam e no qual se mostraram extremamente interessadas e animadas.

No ambiente exterior, as crianças puderam respirar ar puro, onde lhes foi permitido saltar, correr, apanhar elementos naturais, tocar-lhes, atirá-los ao ar e momentos de brincadeira entre si, o que permitiu que estabelecessem laços afetivos e uma relação de proximidade com a natureza. Estas experiências permitiram à criança fazer tudo, ou quase tudo, o que era proibido no interior e que é essencial para o seu desenvolvimento. Para além de se divertirem e brincarem livremente, puderam explorar o ambiente que as rodeia e adquirir novas aprendizagens no que diz respeito ao conhecimento do mundo à sua volta.

Com a livre exploração dos elementos da natureza, as crianças mostraram-se focadas e extremamente envolvidas na atividade, onde foi privilegiada a autonomia e livre exploração desses elementos, os quais puderam tocar, ver e cheirar, explorar as suas cores, texturas e formas. Algumas crianças sentiram-se bem e gostaram do toque dos materiais e outras tiveram receio e mostraram-se desconfortáveis com determinados elementos, nomeadamente, com as pinhas e ouriços. Esta atividade mostrou-se benéfica, pois tornou-se uma oportunidade de conhecer melhor a personalidade de cada criança, umas mostrando-se mais corajosas e aventureiras e outras mais inseguras e cautelosas. Para além disso, as crianças revelaram-se extremamente interessadas com alguns elementos que nunca tinham tido contacto e curiosas em saber o nome desses mesmos elementos, enriquecendo o seu vocabulário ao nível da flora.

Na segunda fase do projeto, a autonomia da criança foi um aspeto tido em consideração, uma vez que foi permitido que as crianças colocassem a cola nos elementos e colassem na folha de forma autónoma e livre.

Esta atividade contribuiu com inúmeras aprendizagens em várias áreas, nomeadamente, o desenvolvimento da motricidade fina ao manusear os elementos e a cola, aquisição de várias competências relacionadas com a exploração das cores, das formas, das posições dos elementos, das sobreposições de elementos, do peso, etc.

Durante as atividades, ainda foram surgindo novas oportunidades de aprendizagem de forma espontânea e autônoma, nomeadamente uma criança que descobriu uma lagarta dentro de uma bolota e foi muito interessante ver as reações de todas as crianças ao ver o animal. Algumas tiveram coragem em lhe tocar, outras tiveram receio, mas todas mostraram grande interesse em saber mais sobre a lagarta, com as suas perguntas criativas “onde vai?”, “o que está a fazer dentro da bolota?”, “a mãe dela, onde está?”, etc., criando assim uma oportunidade de aprendizagens e curiosidades diversas sobre as lagartinhas, a que eu, educadora e a minha colega de estágio respondíamos.

Na terceira e última fase do projeto, como observadora verifiquei que as crianças mostraram mais entusiasmo e motivação na execução e exploração da atividade, sujaram-se umas às outras e a nós, estagiárias, com as tintas, proporcionando momentos de criação de laços, aprendizagem e muita brincadeira.

Para além de todas as aprendizagens e aquisições já referidas, as crianças ao conviverem e se relacionarem entre si, aprendem em conjunto sobre si mesmas, sobre os outros e sobre o mundo que as rodeia.

Concluindo e a partir deste projeto, considera-se importante referir que educadores e pais deveriam apoiar mais as idas ao exterior, já que isso permite às crianças expressarem-se e exercitarem-se de formas alternativas (Weikart & Hohmann, 1997), bem como potencia imensas experiências que o interior não lhes proporciona. No exterior, as crianças respiram ar fresco, recolhem os benefícios do sol, exercitam o coração, pulmões e músculos, e vislumbram horizontes mais amplos, em benefício da sua própria criatividade.

Referências bibliográficas

- Barros, M. I. (2018). Desemparedamento da infância - A escola como lugar de encontro com a natureza (2ª ed.). Rio de Janeiro: Alana.
- Bessa, M. (s.d.). Artes Plásticas entre as Crianças (2ª ed.). Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra.
- Cardoso, C., & Heitor, M. M. (1972). Arte Infantil - Linguagem Plástica. Lisboa: Editora Meridiano, Limitada.
- Gonçalves, E. (1991). A Arte Descobre a Criança. Lisboa: Raiz Editora.
- Mendonça, R. (2015). Atividades em Áreas Naturais. São Paulo: Ecofuturo.

- Post, J., & Hohmann, M. (2003). Educação de Bebés em Infantários - Cuidados e Primeiras Aprendizagens. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sousa, A. B. (2003). Educação pela Arte e Artes na Educação - Bases Psicopedagógicas (Vol. 1º Volume). Lisboa: Instituto Piaget.
- Sousa, A. B. (2003). Educação pela Arte e Artes na Educação - Música e Artes Plásticas (Vol. 3º Volume). Lisboa: Instituto Piaget.
- Valhondo, A., & López, S. (s.d.). Didáctica de la Expresion Plástica en Educación Infantil. Universidad de Oviedo - Servicio de Publicaciones.
- Weikart, D. P., & Hohmann, M. (1997). Educar a criança. Lisboa: FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN.
- Zanon, S. (2018). Educando na Natureza. São Paulo: Ecofuturo.